



ENTRE JORNALISMO E LITERATURA EM “A VIDA QUE NINGUÉM VÊ”

Nathalia Lopes da Silva¹

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

RESUMO

O presente estudo analisa o livro “A vida que ninguém vê” (BRUM, 2006), com base em possíveis interações entre os campos de estudo do jornalismo e da literatura. Especificamente, busca-se abordar, no âmbito do jornalismo, o conceito de narração noticiosa enquanto construção social e cultural (ALSINA, 2009; SILVA, 2013, SODRÉ, 2009). Por fim, busca-se tecer algumas considerações quanto à educação linguística, tendo como pano de fundo as possíveis intersecções entre o jornalismo literário, o contexto educacional e as orientações sobre o ensino de linguagens a partir da BNCC.

Palavras-chave: jornalismo literário; A vida que ninguém vê; BNCC.

ABSTRACT

This study analyses the book “A Vida que Ninguém vê” (BRUM, 2006), according to possible interactions between the journalism and literature. Specifically, it is aimed to discuss, according to the journalism lenses, the concept of “press narration” as a social and cultural construction (ALSINA, 2009; SILVA, 2013, SODRÉ, 2009). In the end, the focus is to discuss some considerations regarding linguistic education, in order to reflect the possible relations between literary journalism, educational context and the guidelines proposed by BNCC for language teaching.

Keywords: Literary Journalism; A Vida que Ninguém Vê; BNCC.

INTRODUÇÃO

Quais seriam as relações entre o jornalismo e a literatura? Pesquisadores da comunicação apontam que haveria uma certa relação de oposição entre os dois gêneros. Alsina (2009) cita que a união destes através do chamado Novo Jornalismo, na década de 60 nos Estados Unidos, teria inclusive provocado uma crise na credibilidade e na objetividade jornalística da época. Da mesma forma, Genro Filho (1987) pondera que se trataria de um gênero muito difícil, pois consistiria na convergência de dois gêneros substancialmente autônomos. Por outro lado, para Pena (2005) o jornalismo literário seria uma forma de potencializar o jornalismo informativo diário.

“Jornalismo verdade”, provavelmente essa expressão é familiar para muitas pessoas. É possível que isso ocorra devido a uma das definições mais clássicas de notícia estar ligada a ideia de “relato verdadeiro de um fato”, afirmativa proveniente da teoria do espelho e calcada na ideologia da objetividade. Para essa teoria, o jornalismo é responsável por refletir a realidade tal qual como esta ocorre (ALSINA, 2009). Dessa forma, acredita-se que essa ideia sobre o jornalismo ainda permanece no imaginário social, bem como nos processos de escolarização formal. Contudo,

¹ Atualmente é bolsista CAPES pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da UFMS. É graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). É mestre em Comunicação e Indústria Criativa pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Contato: nathalials.cn@gmail.com



destaca-se que no presente artigo, compreende-se a prática jornalística enquanto uma construção social e cultural (ALSINA, 2009; SODRÉ, 2009, SILVA, 2013).

Diante do exposto, neste trabalho realiza-se uma análise do livro “A vida que ninguém vê” (BRUM, 2006), com foco especificamente sobre aspectos referentes à sua materialidade, como estrutura narrativa, tratamento dado aos personagens e abordagem de microtemas. O objetivo deste artigo é problematizar os aspectos que denotam as possíveis intersecções e afastamentos entre a ficção e a não-ficção no livro “A vida que ninguém vê” (BRUM, 2006). Para embasar a análise problematiza-se a ideia da notícia como “verdade do fato” e “reflexo da realidade”, em contraponto aponta-se para sua definição enquanto narrativa construída social e culturalmente (ALSINA, 2009; SILVA, 2013).

A partir da análise desenvolve-se ainda um movimento de comparação, na qual são relacionados tais temas com a perspectiva prática dos Letramentos Literários, tendo em vista o objetivo de seguir um encaminhamento prático que vá em direção ao contexto prático de ensino de línguas. Dessa forma, o presente artigo não busca apenas realizar uma análise da obra, mas também refletir sobre tais aspectos do ponto de vista de como as relações entre jornalismo e literatura e ficção e não-ficção, são abordadas no processo de ensino e aprendizagem de linguagens, tendo em vistas as concepções teóricas contemporâneas que embasam a teoria dos Letramentos Literários. A partir da análise e da discussão teórica reflete-se também sobre a premissa de que, muitas vezes, o ficcional e não-ficcional são traduzidos no processo de escolarização como uma oposição entre o “fantasioso” e o “não-fantasioso”.

Na primeira parte do presente artigo desenvolve-se a discussão teórico-conceitual sobre as definições do conceito de notícia e da prática jornalística enquanto construção cultural, com base em Alsina (2009), Sodré (2009) e Silva (2013). A seguir realiza-se a análise do livro “A vida que ninguém vê”, na qual há uma reflexão sobre a relação entre jornalismo e literatura na obra do ponto de vista da sua materialidade. A partir da análise desenvolve-se uma reflexão sobre como se desenvolve a presença de tais temas na BNCC, especificamente, na seção destinada às “Linguagens e suas tecnologias – língua portuguesa no Ensino Médio” Por fim, são apresentadas as considerações finais.

1 ESPELHO OU CONSTRUÇÃO CULTURAL?

A Teoria do Espelho foi a primeira abordagem teórica que tentou explicar porque as notícias são como são e a resposta que ela propõe  : “porque a realidade assim as determina” (TRAQUINA, 2005, p.146). Essa proposi o compreende que as notícias são o reflexo da realidade. Dessa forma, o conceito chave a essa teoria   o do jornalista como observador fiel da realidade, como um “comunicador desinteressado”. Eventos históricos e sociais levaram ao desenvolvimento desse paradigma no jornalismo, de modo que, com a industrializa o da imprensa e a profissionaliza o dos jornalistas, criou-se o conceito da notícia como informa o, com isso o papel do jornalista passou a ser definido como o do “observador que relata com honestidade e equilíbrio o que acontece, cauteloso em não omitir opiniões pessoais” (p.147). O desenvolvimento dessa teoria também está ligado ao surgimento do conceito de objetividade, nos EUA, nos anos 20 e 30. Conforme Traquina (2005), essa teoria também está intrinsecamente ligada   legitimidade do campo jornalístico.



Acredita-se que esse paradigma ainda persiste enraizado no imaginário social, entendido por Baczko (1985) como um acervo, que detém as referências simbólicas de determinadas culturas, época ou sociedade. As pessoas se valem do imaginário social para ter acesso às suas representações, para constituir os seus valores, crenças e as suas características de pensar e sentir. Dessa forma, entende-se que os próprios meios de comunicação e profissionais da área reafirmam esse conceito, já que ele se relaciona diretamente com a legitimidade da prática jornalística. Assim, no imaginário social, o jornalismo encontra-se diretamente relacionado à ideia de “verdade do fato” e “reflexo da realidade”. Partindo dessa ideia, acredita-se que, muitas vezes, no processo de escolarização, a distinção entre o ficcional e o não-ficcional seja abordada pelo viés da oposição entre o que fantasioso e o não-fantasioso, o que apresentaria um reducionismo a discussão. De modo que, a narração não-ficcional pode não configurar o reflexo fiel da realidade.

Em seu livro “A construção da notícia”, Alsina (2009) faz uma crítica a algumas definições clássicas, principalmente, as que abordam a notícia como relato de um fato verdadeiro. O autor resume as definições de notícia em dois grandes grupos, o conceito de notícia como espelho da realidade e a notícia como construção da realidade. A primeira corresponde a uma visão tradicional, que tem como ponto central a objetividade. Já a segunda entende que “A notícia não reflete a sociedade, mas ajuda a constituí-la como fenômeno social compartilhado [...]. A notícia está definindo e redefinindo, constituindo e reconstituindo permanentemente fenômenos sociais” (TUCHMAN, 1983, p.197-198 apud ALSINA, 2009, p.299).

Para Alsina (2009, p. 299) a notícia é “uma representação social da realidade quotidiana, gerada institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível”. Nesse sentido, para Sodré (2009), o acontecimento é um “termo para a representação social do fato” (p.33), podendo ser compreendido ainda como “uma construção ou uma produção de real, atravessada pelas representações da vicissitude da vida social” (p.37).

Sodré (2009, p.26) aponta que o jornalismo “não é reflexo, mas construção social de uma realidade específica”. Nesse sentido, Silva (2013) entende que a narrativa noticiosa é uma construção cultural que envolve aspectos como a ritmização da vida cotidiana e o senso comum, como conhecimento socialmente compartilhado.

Conforme Alsina (2009, p.291) “o que o jornalista faz é interpretar os acontecimentos com base em algumas limitações pessoais e profissionais”, dessa forma a prática jornalística pode ser considerada como o ato de interpretar a realidade através de uma perspectiva que envolve elementos socioculturais. Dessa forma, destaca-se que neste artigo a narrativa noticiosa é entendida como construção cultural (SILVA, 2013) que envolve elementos como a “pontuação rítmica” (SODRÉ, 2009), o senso comum e a vida cotidiana.

Com base nas reflexões realizadas nesta seção, a seguir desenvolve-se a análise do livro “A vida que ninguém vê” (BRUM, 2006). Nela observa-se as aproximações e distanciamentos entre ficção e não-ficção, a partir de aspectos referentes a materialidade da obra. Especificamente, busca-se problematizar os seguintes aspectos da referida produção literária: personagens, foco narrativo, microtemas, entre outros.

2 ENTRE JORNALISMO E LITERATURA: UMA ANÁLISE DE “A VIDA QUE NINGUÉM VÊ”



O livro “A vida que ninguém vê” da jornalista Eliane Brum, foi lançado em 2006, contendo 21 histórias, que foram publicadas originalmente na edição de sábado do jornal Zero Hora. A obra recebeu o Prêmio Jabuti de Melhor Livro-Reportagem em 2007. Na descrição, este livro é definido como uma obra que contém histórias reais em forma de reportagens sobre personagens do cotidiano. No site da autora, há uma descrição do livro que ressalta as seguintes características.

Uma repórter em busca dos acontecimentos que não viram notícia e das pessoas que não são celebridades. Uma cronista à procura do extraordinário contido em cada vida anônima. Uma escritora que mergulha no cotidiano para provar que não existem vidas comuns. [...] Essas fascinantes histórias da vida real fizeram sucesso no final dos anos 90, quando as crônicas-reportagens eram publicadas na edição de sábado do jornal Zero Hora. Reunidas agora em livro, formam uma obra que emociona pela sensibilidade da prosa de Eliane Brum e pela agudeza do olhar que a repórter imprime aos seus personagens – todos eles tão extraordinariamente reais que parecem saídos de um livro de ficção.²[grifo nosso]

Diante dessa descrição, é possível perceber que a proposta do livro é narrar histórias “reais” inseridas na regularidade da vida cotidiana, dando destaque a esses personagens. Entende-se que essa reafirmação, a qual define a reportagem enquanto narração do real, esteja calcada nas lógicas do paradigma da Teoria do Espelho, que está relacionada a um dos pilares do jornalismo moderno, a legitimidade.

No prefácio do livro, Marcelo Rech, editor do jornal Zero Hora na época em que as reportagens foram produzidas, aponta que “Fenômeno de percepção jornalística, Eliane iluminou um mundo recluso, obscurecido pela emergência da notícia ou pela máxima de que, em jornalismo, a história só existe quando o homem é quem morde o cachorro”, sugerindo um certo ineditismo do gênero. Contudo, a partir da análise dos textos, percebe-se que estes possuem elementos do jornalismo literário, gênero surgido na década de 60.

Ao contrário do que aponta a descrição do livro, a qual promete histórias do cotidiano, “comuns”, foi possível observar, que todas as histórias, em algum aspecto obedecem a pelo menos um de dois valores-notícia clássicos, são eles, a raridade e/ou interesse humano (ERBOLATO, 1991). Erbolato (2001) classifica a raridade como fatos que fogem à rotina, que escapam ao cotidiano e aponta o interesse humano como história de dramas humanos, entre outros.

Além disso, entende-se que se essas histórias foram selecionadas pois atendem a critérios de noticiabilidade, ou seja, caracterizam uma ruptura da regularidade da vida cotidiana. Moretti (2009, p. 829) afirma que “[...] uma história merece ser contada se uma norma foi violada”, o ensaísta italiano desenvolveu essa afirmação na sua obra “A cultura do romance”, na qual analisa esse gênero literário, contudo ela se aplica a essa análise devido às características do objeto de estudo e a proximidade do conceito com a definição de noticiabilidade. Nesse sentido, Silva (2013, p.176) destaca que “a atividade noticiosa passa a configurar uma prática cultural particular cuja produção de sentido resulta na metáfora da “diluição” – desconstrução e posterior explicação no plano expressivo dos fatos inauditos que quebram a ordem simbólica de regularidade estabelecida na vida cotidiana”.

² BRUM, Eliane. Página pessoal. A vida que ninguém vê. Disponível em: <http://elianebrum.com/livros/a-vida-que-ninguem-ve/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

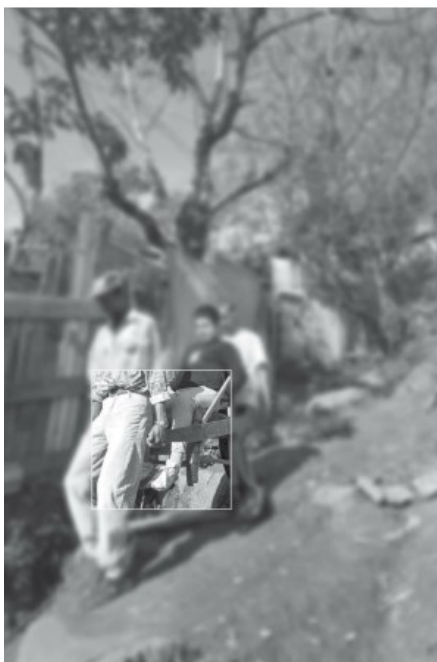


O livro “A vida que ninguém vê” (BRUM, 2006) é classificado como livro-reportagem de várias histórias. Lima (2004, p.26) define que o livro-reportagem é um “veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalísticos periódicos”. Livros-reportagens são característicos do jornalismo literário ou novo jornalismo, estilo que busca reunir as técnicas jornalísticas com elementos da literatura. Conforme Pena:

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (2007, p. 49).

As histórias têm, em média, de duas a três páginas. Possuem um título breve, muitas vezes, o nome dos personagens ou referência a ele consta no título. Na página anterior a cada texto há uma fotografia de página inteira, em cinza, do personagem ou objeto a qual a história se refere. A imagem consta toda desfocada, a não ser por um pequeno quadrado em foco que revela parte dela. Na figura 1, a seguir, é possível verificar a forma como são apresentadas as fotografias.

Figura 1: Fotografia que antecede o texto “O menino do alto”.



Fonte: A vida que ninguém vê (BRUM, p.38)

Entende-se que a imagem sugere a ideia de enquadramento jornalístico, o qual “constitui, [...] um sistema de referência (regras, esquemas interpretativos) que possibilita a atribuição de sentido a uma ocorrência ou uma situação qualquer, de modo a organizar a experiência social” (SODRÉ, 2009, p.38). Dessa forma, o enquadramento é a principal operação por meio da qual os jornalistas selecionam, enfatizam e apresentam o acontecimento (SODRÉ, 2009). Em sua maioria,



as histórias apresentam um enfoque em profundidade na vida de pessoas “comuns”, “invisibilizadas pela sociedade”, contudo narram a trama a partir do aspecto de raridade ou interesse humano. Como no texto “Adail quer voar” que conta a história do carregador de malas que passou a vida no aeroporto, mas nunca viajou de avião ou na história “O cativado” sobre o macaco que fugiu da jaula no zoológico e foi à lanchonete beber uma cerveja. Pode-se perceber que a linha central do livro é o comportamento humano, o tema da desigualdade social também é recorrente, bem como as questões sobre o preconceito, a deficiência física e os transtornos mentais.

Os personagens são pessoas, geralmente pobres e negras, apenas duas histórias tem outros tipos de personagens principais, em uma são animais do zoológico e em outra um álbum de fotografias. Acredita-se que a integridade dos personagens narrados por Brum (2006) seja composta por personagens planos, pois estes mantêm suas características durante toda a narrativa e são facilmente identificáveis. Conforme Foster (2005, p.58) os personagens planos “Na sua forma mais pura, são construídos ao redor de uma ideia ou qualidade simples”.

As histórias possuem um estilo que se mantém, de modo que a jornalista utiliza muitas repetições, adjetivos e expressões de “lugar-comum”, elementos esses considerados proibidos no jornalismo. É possível observar a presença desses elementos no trecho do texto “História de um olhar”:

Com um sorriso inocente e uns olhos de vira-lata pidão, dando a cara para bater porque nunca foi capaz de escondê-la. Eliane viu Israel. E Israel se viu refletido no olhar de Eliane. E o que se passou naquele olhar é um milagre de gente. Israel descobriu um outro Israel navegando nas pupilas da professora. Terno, especial, até meio garboso. Israel descobriu nos olhos da professora que era um homem, não um escombro. (BRUM, 2006, p.6)

As demais histórias seguem o mesmo padrão, podendo-se notar em “Adail quer voar” no trecho “Onde o Rio Grande decola para o mundo. E o mundo aterrissa no Rio Grande” é possível perceber a utilização de expressões de lugar-comum. Já no trecho “Mas Adail, ah Adail, Adail não desistiu de voar”, pode-se perceber a repetição do nome do personagem. Essa repetição ocorre em todas as histórias, acredita-se que a escritora utilizou esse recurso como forma de reafirmar a identidade dos personagens.

Destaca-se também que as histórias são narradas tanto em terceira pessoa, como em primeira pessoa. É possível perceber a presença da narração em primeira pessoa no trecho do texto “Um certo Geppe Coppini”, na qual a autora escreve: “Vou contar, então, a história desse tal de Geppe. E quando eu terminar me digam vocês quem é, afinal, Geppe Coppini” (BRUM, 2006, p. 21). Contudo, em outros textos, foi possível observar elementos característicos do texto jornalístico, como o trecho “Procurado, quase não quis falar no assunto. Contou um ou outro episódio, em seguida implorou para não ser citado” do texto “Frida”, no qual a escritora aponta que procurou um entrevistado, contudo este não quis se pronunciar. Esse é um recurso utilizado no jornalismo para conferir imparcialidade às notícias, denotando que todas as versões de um fato foram “ouvidas” no processo de apuração. Em “Depois da filha, Antônio sepultou a mulher” a autora utiliza a seguinte frase “Acompanhe o calvário de Lizete”, tal expressão denota também as técnicas de redação jornalísticas, que convidam o leitor a entender a história por meio da explanação dos fatos em uma ordem lógica ou cronológica.



Também percebe-se que as histórias apresentam elementos característicos da linguagem jornalística. Há a apresentação de entrevistas no estilo perguntas e respostas, a separação entre texto e citações diretas dos personagens, a exposição do nome completo dos personagens principais, sua profissão, cidade de origem, as fotografias que acompanham os textos, a breve contextualização do enfoque da história logo no primeiro ou segundo parágrafo. Todos esses elementos são provenientes das técnicas jornalísticas e servem para conferir legitimidade à história.

Segundo Alsina (2009) os jornalistas desenvolvem estratégias para garantir a objetividade, essas estratégias estão restritas a cinco procedimentos, sendo eles: 1) Apresentar a possibilidade de contatar a verdade pretendida, mostrando claramente quem são as fontes; 2) Apresentação de provas adicionais e posteriores que comprovam um fato; 3) O uso de aspas; 4) Estruturação da informação de uma forma adequada, ou seja, primeiramente são apresentados os fatos essenciais; 5) Isolamento da informação da opinião e dos fatos dos comentários.

Desta forma, percebe-se que embora os textos de Brum (2006) se enquadrem como jornalismo literário, estes ainda mantêm pelo menos quatro das “cinco estratégias” (ALSINA, 2009) utilizadas pelo jornalismo informativo moderno para assegurar a objetividade, ou seja, a impressão de que se referem a narração de eventos reais. Assim, acredita-se que a autora realiza um movimento de reafirmação de que são “histórias reais” contadas a partir de elementos narrativos característicos da literatura, que muitas vezes provocam a impressão de as histórias se tratam de narrativas ficcionais. Entende-se que isso ocorre porque há trechos nos quais a escritora narra eventos passados, sentimentos, expectativas e pensamentos dos personagens como se tivesse acesso a eles de forma onisciente.

Nesse sentido, Suzuki Jr. (2003) no posfácio do livro “A Sangue Frio”, intitulado “Nem tudo é verdade, apesar de verdadeiro”, destaca que “Os bons jornalistas literários se dizem menos interessados na exatidão das palavras de suas entrevistas - como faz o jornalismo rotineiro - do que em vislumbrar os sentidos mais profundos mascarados pelas palavras dos entrevistados”. E relembra o trecho do prefácio no qual Ben Yagoda aponta que na literatura de não-ficção a questão do factual nunca será resolvida, lembrando que “Capote com seu ouvido de romancista ouviu o que os entrevistados *poderiam* ter dito” e transcreveu com precisão (2013, p. 432, grifo do autor). Quanto a esse tema, Saer (2012, p.321) afirma que: “não devem nos fazer esquecer que uma proposição, por não ser fictícia, não é automaticamente verdadeira”.

Assim, destaca-se que é perceptível um movimento no sentido de manter o livro dentro de certos parâmetros do jornalismo moderno, a fim de resguardar elementos de legitimação, por meio de técnicas jornalísticas que conferem certa imparcialidade e objetividade, como as entrevistas, as fotos, os nomes e profissões. Contudo, o texto mostra-se predominantemente literário a partir do foco narrativo, dos elementos formais utilizados e da linguagem. Acredita-se que a obra enquadra-se no gênero jornalismo literário, todavia entende-se que não significa que por ela ser considerada uma obra de não-ficção, possa ser classificada como relato de histórias “extraordinariamente reais” ou um “reflexo da realidade”.

Entende-se que as histórias, ao contrário da proposta do livro, possuem aspectos da noticiabilidade jornalística, de modo que a maior parte delas possui elementos que configuram uma ruptura na regularidade da vida cotidiana (SILVA, 2013). Bem como, percebe-se que, em sua maioria, as histórias poderiam ser classificadas como contendo os valores-notícia clássicos de raridade ou interesse humano (ERBOLATO, 2001).



3 OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS E A BNCC

Neste tópico desenvolve-se uma discussão sobre como os gêneros jornalísticos estão presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mais especificamente no título que se refere às "Linguagens e suas tecnologias", especificamente no tópico que aborda a Língua Portuguesa para a etapa do Ensino Médio. Essa reflexão parte da discussão teórico-conceitual realizada no subtítulo "Espelho ou construção cultural?" e na análise do livro "A vida que ninguém vê" (BRUM, 2006).

A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo, previsto na Constituição Federal (1988), no art. 210. Em 16 de setembro de 2015 foi disponibilizada a primeira versão, já em 2017 foi lançada a terceira versão que abrangia as etapas da educação infantil e do ensino fundamental e em 2018 foi homologado o documento da BNCC para a etapa do Ensino Médio, completando assim a terceira edição.

O documento de 2018 propõe uma abordagem integrada das linguagens e suas práticas, sugerindo uma divisão em campos de atuação social. Segundo o documento a Área das Linguagens e suas Tecnologias

[...] propõe que os estudantes possam vivenciar experiências significativas com práticas de linguagem em diferentes mídias (impressa, digital, analógica), situadas em campos de atuação social diversos, vinculados com o enriquecimento cultural próprio, as práticas cidadãs, o trabalho e a continuação dos estudos." (2018, p.485)

Entre os "campos de atuação" estão: a) o campo da vida pessoal; b) o campo das práticas de estudo e pesquisa; c) o campo jornalístico-midiático; d) o campo de atuação na vida pública; e) o campo artístico. O documento descreve o campo de atuação jornalístico-midiático como:

O campo jornalístico-midiático caracteriza-se pela circulação dos discursos/textos da mídia informativa (impressa, televisiva, radiofônica e digital) e pelo discurso publicitário. Sua exploração permite construir uma consciência crítica e seletiva em relação à produção e circulação de informações, posicionamentos e induções ao consumo. (2018, p. 489)

A partir da observação dos objetivos do campo de atuação jornalístico-midiático para o Ensino Médio, percebe-se que ele prevê uma ampla gama de assuntos relacionados aos jornalismo e as mídias em geral. São temas que vão desde a análise de conteúdos, a produção dos mais variados tipos de produtos jornalísticos até a reflexão sobre produção e necessidades de consumo.

No Ensino Médio, enfatiza-se ainda mais a análise dos interesses que movem o campo jornalístico-midiático e do significado e das implicações do **direito à comunicação e sua vinculação com o direito à informação e à liberdade de imprensa**. Também estão em questão a **análise da relação entre informação e opinião**, com destaque para o **fenômeno da pós-verdade**, a **consolidação do desenvolvimento de habilidades**, a apropriação de mais procedimentos envolvidos nos **processos de curadoria**, a ampliação do **contato com projetos editoriais independentes** e a **consciência de que uma mídia independente e plural é condição indispensável para a democracia**. Aprofundam-se também as análises das **formas contemporâneas de publicidade em contexto digital**, a dinâmica dos **influenciadores digitais e as estratégias de engajamento** utilizadas pelas empresas.



[...] as **práticas que têm lugar nas redes sociais** têm tratamento ampliado. Além dos gêneros propostos para o Ensino Fundamental, são privilegiados gêneros mais complexos relacionados com a **apuração e o relato de fatos e situações** (reportagem multimidiática, documentário etc.) e com a opinião (crítica da mídia, ensaio, vlog de opinião etc.). **Textos, vídeos e podcasts diversos de apreciação de produções culturais** também são propostos, a exemplo do que acontece no Ensino Fundamental, mas com análises mais consistentes, tendo em vista a intensificação da **análise crítica do funcionamento das diferentes semioses**. (grifo meu, p.503)

Entre os objetivos está “perceber a impossibilidade de neutralidade absoluta no relato de fatos”, dessa forma a BNCC cita essa discussão, contudo não foi verificada a presença dos temas sobre a objetividade, o conceito de notícia ou o jornalismo literário. Assim, entende-se que a BNCC aborda apenas com a definição de notícia pelo viés informativo e não aprofunda a reflexão sobre o conceito de notícia como construção cultural.

Entre os objetivos traçados para esse campo, a BNCC destaca “ampliar as possibilidades de participação dos jovens nas práticas relativas ao trato com a informação e opinião, as quais estão no centro da esfera jornalística/midiática”. Também aponta que pretende que os “jovens incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a gêneros da esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias, e desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos”.

Os “Parâmetros para a organização/progressão curriculares” (BNCC, 2018, p.519) do campo prevêem que este possibilite que, no período do Ensino Médio, os alunos “experimentem, de forma significativa, diferentes papéis envolvendo a circulação de informação e opinião: repórter, fotorrepórter, editor, comentarista, articulista, curador, leitor (que compartilha, comenta e avalia), crítico de produções culturais, booktuber, vlogger e outros”. Bem como, devem abordar a diversidade de gêneros escritos, orais e multimodais, “buscando o equilíbrio entre os informativos, argumentativos e apreciativos, entre os mais complexos (documentários, reportagem multimidiática, ensaio etc.) e os menos complexos”. Conforme o documento, deve ainda proporcionar que os estudantes “vivenciem processos colaborativos de apuração de fatos tidos como de relevância social, por meio de coberturas diretas, entrevistas, levantamentos de dados e afins e tratamento e divulgação de informações sobre esses fatos” [...]. A BNCC prevê ainda “considerar produções que envolvam diferentes mídias, de forma que os jovens possam manipular editores de texto, foto, áudio, vídeo, infográfico e de outros tipos e explorar elementos e características das diferentes linguagens envolvidas e os efeitos de sentido que podem provocar” (2018, p.519-520)

Dentre as práticas previstas, constam: leitura, compreensão oral, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica. Contudo, quando são observadas as habilidades a serem desenvolvidas no campo, percebe-se que a maioria delas diz respeito a habilidades práticas, como conhecer e “analisar diferentes projetos editoriais” e “usar procedimentos de checagem de fatos noticiados e fotos publicadas”, ficando a reflexão crítica sobre os fenômenos, práticas e gêneros em segundo plano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão teórico-conceitual realizada neste artigo, na qual se refletiu sobre o conceito de jornalismo como “espelho da realidade”, abordou-se que esta permanece no imaginário



social por meio da manutenção realizada pelas próprias técnicas jornalísticas, que buscam manter a legitimidade da prática por meio de estratégias para assegurar a objetividade. Dessa forma, entende-se a narrativa jornalística como uma construção cultural, a partir disso, problematiza-se a ideia de que enquanto construção, uma narrativa não-ficcional, como a notícia, não necessariamente reflete a realidade, mas a traduz, a partir da “interpretação do jornalista” (ALSINA, 2009).

Na análise do livro “A vida que ninguém vê” (BRUM, 2006) foi possível perceber a reiteração da ideia de que ele se dedica a narrar histórias reais. Bem como, este mantém estratégias características do jornalismo que visam assegurar a impressão de objetividade e imparcialidade, concedendo legitimidade aos textos. Embora as narrativas possuam elementos característicos da literatura, como o foco narrativo em primeira pessoa ou a descrição de emoções dos personagens, percebe-se que estas tentam manter um “status” de jornalismo em busca de legitimidade como reflexo do real.

Assim, acredita-se que muitas vezes, na escolarização formal, os temas referentes a narrativa ficcional e não-ficcional são traduzidos em uma oposição ao fantasioso e ao não-fantasioso. Como é possível perceber a partir da discussão proposta e dos resultados da análise essa oposição incidiria em um reducionismo da problemática. Acredita-se que isso pode estar relacionado a ausência da discussão sobre o conceito de notícia nos documentos oficiais, bem como ao fato de esta ser entendida apenas pelo viés informativo nestes.

A partir da observação da presença dos gêneros jornalísticos na BNCC, constatou-se que a discussão quanto ao conceito de notícia enquanto construção da realidade não está presente, bem como os temas jornalismo literário e a reflexão sobre a objetividade. Acredita-se que, muitas vezes, a escolarização formal acaba refletindo o imaginário social que percebe o jornalismo como reflexo da realidade enquanto gênero de não-ficção. Bem como, constatou-se que entre as competências propostas na BNCC privilegiam-se habilidades práticas, enquanto há poucas atividades de reflexão crítica sobre a prática jornalística, os gêneros e os fenômenos socioculturais que os envolvem. Alsina (2009) destaca que a melhor maneira de formar leitores críticos é por meio da educação escolar e que um leitor crítico é “a melhor garantia de um futuro para a democracia mais sólida e um melhor uso dos meios de comunicação” (p.294). Dessa forma, percebe-se a relevância dos documentos oficiais, como a BNCC, conterem temas como a discussão sobre a narrativa noticiosa como uma construção cultural, a objetividade e a reflexão sobre os fenômenos socioculturais contemporâneos que a envolvem e não apenas suas práticas de produção.

REFERÊNCIAS

ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação Social**. Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1985.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC EI EF 110518 versaofinal site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 17 nov. 2021.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.



BRUM, Eliane. **Página pessoal.** A vida que ninguém vê. Disponível em: <http://elianebrum.com/livros/a-vida-que-ninguem-ve/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo – redação, captação e edição no jornal diário.** São Paulo: Ática, 1991.

FORSTER, Edward M. **Aspectos do romance.** São Paulo, Globo, 2005.

LIMA, Edvaldo P. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Manole: Barueri, SP, 2004.

MORETTI, F. (2009). O século sério. In: **A cultura do romance.** São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SAER, Juan José. O conceito de ficção. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 9, dez. 2012.

SILVA, Marcos Paulo da. **A construção cultural da narrativa noticiosa:** noticiabilidade, representação simbólica e regularidade cotidiana. Tese de doutorado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2013.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato:** notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SUZUKI Jr., M. Nem tudo é verdade, apesar de verdadeiro. In CAPOTE, Truman. **A Sangue frio:** A história dos quatro membros da família Clutter, brutalmente assassinados, e dos dois criminosos, executados cinco anos depois. 4ª ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2003.

PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. **Revista Contracampo**, n. 17, p. 43-58, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo.** Insular, 2005.